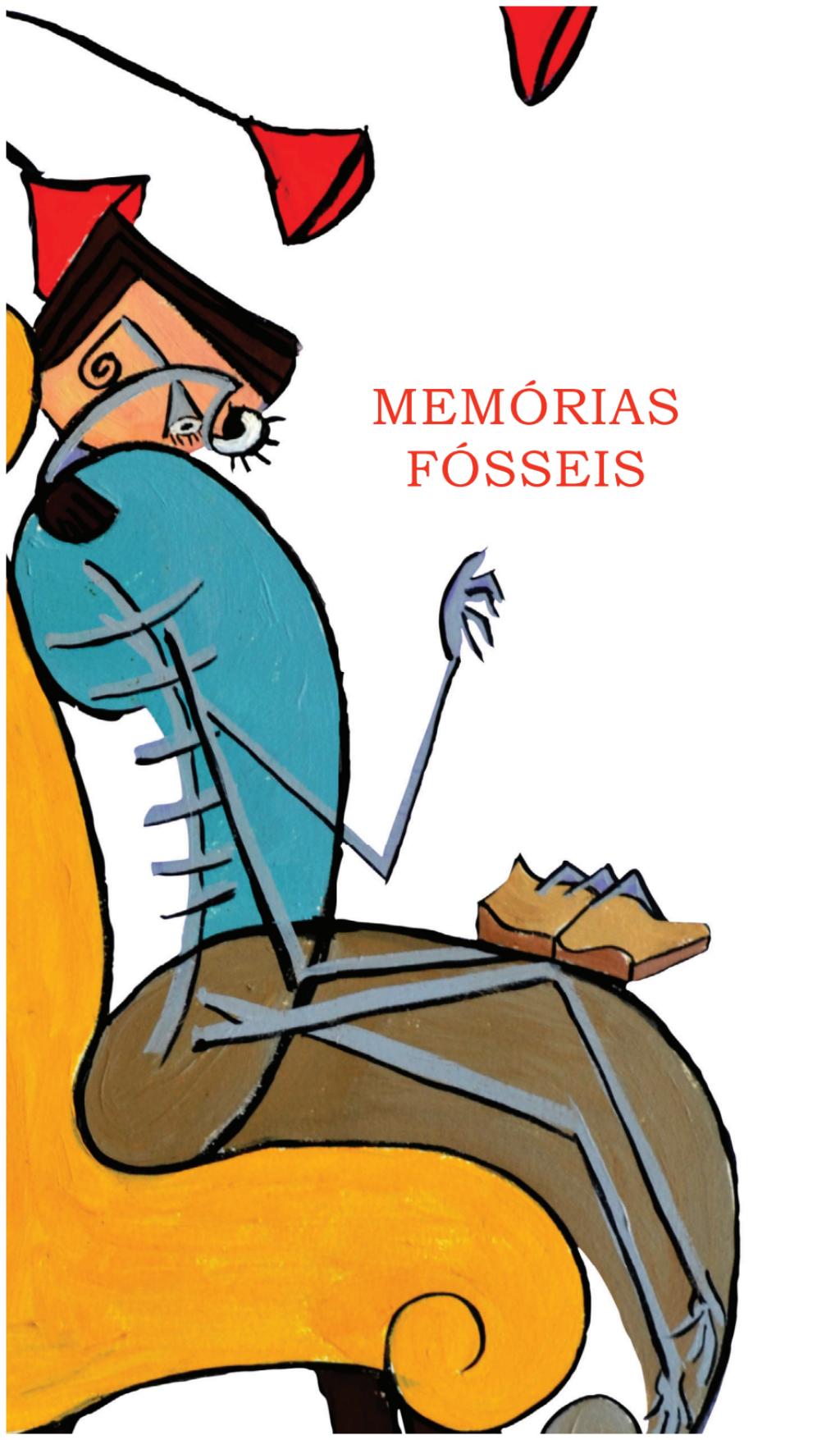


Memórias Fósseis

Wesley Almeida


Editora da UESC





MEMÓRIAS FÓSSEIS



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro - REITORA

Evandro Sena Freire - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

André Luiz Rosa Ribeiro

Andrea de Azevedo Morégula

Adriana dos Santos Reis Lemos

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Júnior

José Montival de Alencar Júnior

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Lurdes Bertol Rocha

Ricardo Matos Santana

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Sílvia Maria Santos Carvalho

MEMÓRIAS FÓSSEIS

Weslley Almeida

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2016

Copyright ©2016 by WESLLEY MOREIRA DE ALMEIDA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA
George Pellegrini
Deise Francis Krause

ILUSTRAÇÕES DE CAPA E CONTRACAPA
Rogers Grossi

REVISÃO
Maria Luiza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447 Almeida, Weslley Moreira de.
 Memórias fósseis / Weslley Almeida. - Ilhéus, BA :
 Editus, 2016.
 103 p. : il.

ISBN 978-85-7455-422-8

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 581.4

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORIA FILIADA À



PRÊMIO SOSÍGENES COSTA DE POESIA 2016

O Prêmio Sosígenes Costa de Poesia é uma das ações propostas pelo Festival Literário de Ilhéus-FLIOS, cujos objetivos são homenagear um dos maiores poetas brasileiros do século XX, nascido no sul da Bahia, e estimular a produção poética autoral e inédita de poetas da Bahia ou aqui radicados há mais de 3 (três) anos. O FLIOS é um projeto de apoio às políticas públicas de Estado para fomento do livro e da leitura (Leis Estaduais 12.365/11 e 13.193/14; e Lei Municipal 3.539/11) no que se refere à democratização e descentralização e à promoção da identidade e da diversidade cultural. Conceitualmente o Festival foi pensado como um espaço de compartilhamento de heranças e imaginários. Um fórum de debate sobre a singularidade da Literatura Sul-Baiana, enquanto patrimônio imaterial portador de referências identitárias.

O Prêmio Sosígenes Costa visa estimular a criatividade e a articulação da cadeia produtiva do livro no sul da Bahia

envolvendo escritores, produtores, editores, livreiros, designers, ilustradores e leitores. Suas ações estão pautadas na divulgação de produtos culturais gerados na Bahia que envolvem a linguagem literária. Em sua primeira edição, o Prêmio contou com o apoio da Academia de Letras de Ilhéus, que constituiu a comissão de seleção do prêmio, e da Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (EDITUS-UESC) na publicação do livro “Memórias Fósseis”, de autoria de Weslley Almeida, residente em Feira de Santana, vencedor do Prêmio. O concurso contou com 38 (trinta e oito) inscritos de 14 (catorze) municípios pertencentes a 5 (cinco) diferentes territórios culturais da Bahia, o que demonstra a abrangência do projeto e a efetiva participação de poetas de todo o estado da Bahia.

André Luiz Rosa Ribeiro
Organizador do Prêmio
Sosígenes Costa de Poesia.

A POESIA COMO RELICÁRIO DAS VIVÊNCIAS

Aleilton Fonseca

*Poesia é coisa séria
mas às vezes a gente entra brincando
ensaiando a alquimia das palavras
no construto dos sentidos.*

Weslley Almeida

Em *Memórias fósseis* Weslley Almeida escava sentidos ocultos pelo tempo: os fatos, as imagens, ideias e vivências de sua vida. Ele assume o discurso como intérprete das revelações e das descobertas acumuladas desde a infância, fazendo uma releitura daquelas marcas indeléveis que permanecem como traços da personalidade do ser adulto. O poeta revê sua trajetória, ainda tão recente, para rememorar, reler os afetos, sentir de novo as experiências vividas, através da poesia do presente. São atos de vontade, achados criativos e invenções de linguagem. Ele afirma que o poeta é um quixote das palavras, ou seja, um artífice de sonhos e ilusões, em luta constante com os moinhos de significados.

Wesley Almeida é um poeta jovem, em processo de formação e em diálogo com a poesia que o encanta e lhe aponta os caminhos, de onde as palavras brotam e se enramam na sensibilidade e na imaginação. Para colher as motivações que medram por toda parte, o poeta se mantém atento ao mundo, com os “órgãos dos sentidos excitados” e “as cores pulando aos seus olhos”. Essa imagem inicial plasmada nos versos do poema “Sinestésico” demonstra a sua proposta de criação, como um intérprete de cores, sons, olores, sabores, imagens que compõem o arco-íris de suas sensações.

O poeta Sosígenes Costa (1902-1968), patrono do prêmio atribuído a este livro, certamente aprovaria o trabalho de criação do jovem autor. O esteta belmontense e ilheense escrevia poemas como quem pintava paisagens, esculpindo aquarelas nos versos e nas rimas, com uma plasticidade rara e admirável. Descrevia crepúsculos e pavões líricos através de rimas preciosas, a partir dos sons, das cores e das formas que seus olhos colhiam nas paisagens de Belmonte e de Ilhéus, cenários imantados no seio da Mata Atlântica, à beira dos rios e dos mares grapiúnas. Em sua obra a poesia é puro alumbramento, como se observa no admirável “O primeiro soneto pavônico”:

*Maravilhado assisto das janelas.
Os coqueiros, pavões de um rei
fictício,
Abrem as caudas verdes e amarelas,
Ante da tarde o rútilo suplício.*

Certamente Weslley Almeida leu a obra poética de Sosígenes Costa e aprendeu algumas lições do mestre, pois também deixa o olhar da imaginação se imiscuir nas paisagens, colhendo em seus fachos de luz e sombra os mais belos efeitos. Ele experimenta a amálgama de sensações, elaborando a sínteses de seu lirismo multicolor, num feixe expressivo de sines-tesias. Assim podemos ler os seus versos:

*Cores frente pulam aos meus olhos
é o da mata o verde
e do céu, o anil.
O branco do sorriso
da brincante criança
colore minh'alma.*

(...)

*O perfume da fruta
atiça o desejo
da fome do olfato.
Aromas de flores exalam
o suave e forte.*

O poeta mexicano Octavio Paz (1914-1998) considera que “a consciência das palavras leva à consciência de si: a conhecer-se e a reconhecer-se”. Nesse encontro do ser com o mundo, através da mediação da palavra poética, constrói-se o discurso das epifanias e da celebração, quando se pode captar a “sinfonia insistente dos grilos” e “a melódica dos pássaros” conforme os versos de Weslley Almeida. Nesse exercício da percepção, instaura-se o mundo como verbo, como *oikos* do signo, moradia e útero da Terra, no sentido alegórico e ecológico. Nesse sentido, a poesia é um discurso sempre inaugural, pelos sentidos que permite alcançar, por revelar os sinais dos abismos e mistérios do inconsciente coletivo. A poesia se instaura e segue “pela nova ciranda: dança de redemoinhos” e pelo canto das auroras, no despertar da consciência estética em torno dos viveres cotidianos.

Weslley Almeida afirma: “alcanço as manhãs no canto dos galos”. Essa imagem convoca a memória —, esse relicário das vivências —, matéria prima que traz de novo ao coração os momentos nos quais o ser poético se edificou. Como todos os poetas, ele também se alimenta desse manancial. É o invólucro da poesia que protege as cenas da vida da corrosão do tempo e do corpo. O discurso

poético restaura a sensação que anula o tempo e presentifica a emoção, como podemos observar num trecho do poema “Quintal”:

*Fui à casa de minha avó. Senti
(pés descalços)
a terra úmida de seu quintal.
Pedi
silente
à árvore
licença pra colher seus frutos.
Aquele pé de acerola
possuía uma coloração verde-
folhagem
que enamorava o vermelho das frutas.*

Na poesia do jovem autor encontramos a busca constante de uma comunhão com os quatro elementos essenciais da vida: terra, água, fogo e ar, — amalgamados na constituição dos sentidos das coisas, numa coexistência absoluta, de plena visão holística do mundo. Por isso ele pede licença à árvore para colher seus frutos, pois sabe que se trata de um ser vivo, com biografia e ancestralidade, que deve ser respeitado como um símbolo da totalidade. Para ele as plantas são seres de convivência, diálogo e trocas, seus progenitores simbólicos, pela convivência afetiva na infância, no processo de formação da personalidade. Eis o poema:

PAIS VEGETAIS

*O pé de manga e de goiaba
na infância
eram meus pais vegetais.
Andava neles
como quem voava.*

*Os besouros
– que ali na copa das árvores
moravam –
de tanto eu subir no alto
já da família me consideravam*

*não reclamavam de minha hospeda-
gem diária*

*mas eu não podia mexer
– era o contrato –
na fruta madura e cheirosa
que eles pousavam*

(aos poucos meus pés cresciam...)

*Me tornei órfão quando
cimentaram aquele quintal.
Quando
cortaram meus pais
pelo tronco*

eu fiquei todo

sem raiz.

A poesia é um estado de consciência holística, porque concilia os saberes e os afetos, diante de um mundo de perdas e crises. Daí seu compromisso com a condição humana, em favor da melhoria das condições da vida no planeta. Assim, a miséria, a fome, a desigualdade, a violência, enfim, os venenos sociais serão denunciados, naqueles cantos que tocam a alma como espinhos, para ferir e instigar as sensibilidades adormecidas. Surge aí o canto social, o olhar sobre os desvalidos e abandonados pelos seus semelhantes, nos vales de lágrimas e sofrimentos situados para além dos muros de palácios e mansões abastados.

A cidade em crise constitui, como afirma T. S. Eliot (1888-1965), uma terra devastada, habitada por homens vazios. O poeta acredita que este homem urbano é um produto precário, que tem prazo de validade. E isso ele denuncia no poema “Urbicídio”, no qual indaga, com veemência: “Para onde, / anônimos, / antônimos / perdidos corremos?”. Pouco antes, descreve assim a máquina urbana:

URBES OPERANDI

*Os acordes da cidade:
dissonantes
altissonantes.*

*A simetria dos prédios
a cronometria dos passos
o monólogo monótono maquinal*

*o click do enter
o ruído do aço*

*operários dançam sem melodia
repetitivos os braços
e o dia a dia
(como roda de polia)*

*é o mes
mo-tor
nado.*

Nos melhores momentos deste livro, os poemas germinam debaixo de árvores e dão o tom das partituras inaugurais de uma poesia que promete florescer por sobre a aridez do mundo dito pós-moderno, tão devastado pelos atos de desamor, destruição e disputas cruéis. Mais uma vez invocamos a lição de Octavio Paz, para entender o papel da poesia nos tempos

atuais. Ela constitui uma *outra voz* —, aquela que resgata a humanidade perdida ao longo de tantas conquistas tecnológicas e acumulações de riquezas materiais. Essa voz é o chamado que está no íntimo do ser e nos elementos que o definem enquanto sujeito de transformação, atitude e palavra.

O poeta Wesley Almeida segue as trilhas férteis de seus mestres, de onde brotam as raízes renovadas do lirismo dos afetos e dos viveres cotidianos. Atento à lição de Manoel de Barros (1916-2014), ele avaliza a sua *ciência* poética, ao afirmar: “Sobre o nada eu tenho conhecimentos profundos”. Desse modo, sua poesia é um discurso que fala do chão, abraça a água, dialoga com árvores, indaga os pássaros, atiça o fogo dos afetos e respira o ar fresco das metáforas.

Aleilton Fonseca é escritor, membro da ALITA e da Academia de Letras da Bahia

Sumário

I

ALUMBRAMENTO/ 21

SINESTÉSICO/ 23

INAUGURAL/ 25

OCULAR/ 26

OBSERVAÇÃO/ 27

CANTO DOS GALOS/ 28

SEMPITERNO/ 29

TEMP(L)O/ 30

ALCANCE/ 31

TRAVESSIA/ 32

II

MEMÓRIAS FÓSSEIS/ 33

PAI, A BENÇÃO OU PAI-SAGENS/ 35

MARIA/ 39

MEMÓRIAS GRISALHAS/ 41

QUINTAL/ 43

PAIS VEGETAIS/ 44

MINÉRIOS/ 46

UNA PLAZA/ 48

RASTROS PEDAÇOS/ 51

III
O PRODUTO HOMEM/ 53

- POUCOS SEGUNDOS/ 55
FAMIGERADO/ 56
URBES OPERANDI/ 57
SLOGANS/ 58
URBICÍDIO/ 60
BALANÇA/ 61
COM “H” MAIÚSCULO/ 62
O PRODUTO HOMEM/ 63
VAGÓES/ 64

IV
LINGUAGEM SOBRE SI/ 65

- RASCUNHO/ 67
COLO DE ESPECTROS/ 68
SUSPEITA/ 69
POESIA/ 70
QUIXOTE/ 71
ROUPAS DE BRINCAR/ 72
PRA DESENTENDER/ 73
PASTAGENS/ 74
LUMINESCÊNCIAS/ 75
VENTANIA/ 76
AO PRIMEIRO LIVRO/ 77

V
DESERTOS TRANSEUNTES/ 79

ERMOS/ 81
A MORTE/ 82
QUARTO 101/ 83
CÂNTICO DOS ÂMAGOS/ 84

VI
TRILHANÇAS/ 85

PORTO INSEGURO/ 87
BUSCA/ 88
TRILHANÇAS/ 89
A TRAMA DO BORDADO/ 90
ESTRANGEIROS DE MIM/ 91
A TRILHA/ 92
SEMÁFORO/ 93
CAATINGA/ 94
RODA DENTADA/ 95
DÁ LÁ E LAMA OU MANGUEZAL/ 96
TECELAGEM/ 97
NA CASA DOS MEUS TRINTA ANOS/ 98
DESCARRILHO/ 99
CANTO PARA ASSOBIO/ 100
CATEDRAL/ 101
ENTRELACE/ 102
RECOLHEITA/ 103



MEMÓRIAS FÓSSEIS

Alumbramento

I

21





SINESTÉSICO

Órgãos dos sentidos excitados

Cores frente pulam aos meus olhos
é o da mata o verde
e do céu, o anil.
O branco do sorriso
da brincante criança
colore minh'alma.

Um amigo o anímico do outro toca
sem dizer palavra:
o abraço.
As bocas dos amantes
– entrelaçados –
sentem a sucção do beijo
o avanço da língua
o macio dos lábios.

O perfume da fruta
atiça o desejo
da fome do olfato.
Aromas de flores exalam
o suave e forte.



Um camponês tira o doce da cana
e o caldo
se mistura
e dura
na saliva
o gosto
quanto mais suga o bagaço.

Captam tímpanos
a sinfonia insistente dos grilos
melódica dos pássaros.
Folhas secas
barulham
ao chão

maturadas pela cor
gosto do tempo
empurradas
pela voz – toque –
cheiro do vento.



INAUGURAL

Há-me um paladar
de fascínio inaugural
pelos abismos, rotas de dentro
pela nova ciranda: dança de redemoinhos
movendo-se em espiral
nos tantos brotos tormentos
da aurora
e do ocaso (que é dia-noite a dentro):

plúmbeo lábio de cima
beijando
o outro baixo ocre
lábio feito.



OCULAR

Enxerga a flor
com toda tua retina.
Apalpe-a
com toda pálpebra tua.
Assiste – nas pupilas –
todo o seu desabrochar.
Pois não se sabe quando
a cegueira da candura anoitece.
Nem
se em fruto a
manhã será.



OBSERVAÇÃO

É no amanhecer
que se despe a lua
pro ingresso do dia.

É nos fins de tarde
que se espera a noite

acordar-se estrelas
no sono do sol.



WESLLEY ALMEIDA

CANTO DOS GALOS

Eu alcanço as manhãs
no canto dos galos.
Os seus gemidos
levantam o sol.
Despertam
meus ouvidos soníferos

e o
olhar
pro arrebol.



SEMPITERNO

E sempre e sempre a vida é suntuosa
argumento de espinho
aparecido de flor
penumbra de lume variosa
alvorada de arrebol

sabedura de proposições de garimpos
calango trepando rochas de amor
um lajedo por mensura infindo
que des-não-sei desde quando vindo

bastando tão apenas
o elucubrar
junto à breve flor.



TEMP(L)O

O tempo é um templo
culto todos os dias
de gritos e silêncios;
orações, rezas e mantras.

No canto da lavandeira
no sorriso da criança
na fome dos olhos de quem dança
a ciranda tecida no cio.
No gemer dos galos,
no cri-cri dos grilos.

Cumpre-se o rito
em preces
de cigarras anoitecentes.



ALCANCE

para Antonio Almeida

Eu tenho aglomerações pra pássaros.
Sanhaços me habitam
nos cantos
(sonoros e de minh'alma)

tudo é verde no meu chão arvorar.

Invento sabiás
em assobios.

Alcanço voos
no olhar.

Não tenho
por anseio
aviões.

Já
alcancei...
passarinhos.



TRAVESSIA

Ontem
vi o por do sol
nas minhas retinas

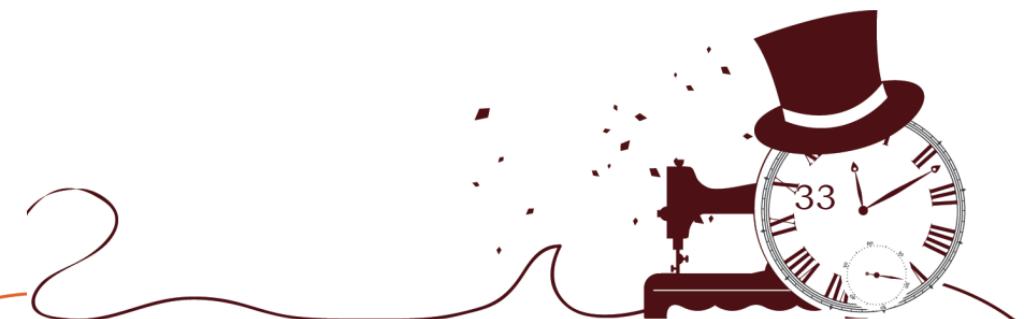
Por quanto hoje
me encontro anoitecido
de estrelas

Amanhã
serei todo recomeço
de alvorecer.



MEMÓRIAS FÓSSEIS

Memórias
Fósseis
II



PAI, A BENÇÃO OU PAI-SAGENS

A benção, pai,
é hora de deitar nos sonhos
pra acordar no futuro.
O inconsciente
espuma retentora dos desejos.
Travesseiro
também de espuma feito.
Espumas
fazem bolhas de sabão
voam
sem destino ao vento
num esperançar quase vâo.

A benção, pai.
Frase primeira dum acordar bocejado
já é amanhã de ontem
devir do passado
– eis o dia todo a caminhar.

A benção, pai.
O relógio que consertas
é tecelão
a fiar os fios do tempo.
Mas gosto de olhar as horas
pelo trajeto do sol.



A benção, pai.
Tua vida teu comércio
de tudo um pouco fez labuta
mamadeiras refeições
remédios pneus
lavar roupa fazer frete
consertar carro:
correu correu
corroeu
a sobrevivência
o ponteiro do teu relógio
os dias se passaram no teu suor.

A benção, pai,
que (a roda é gigante)
o cais é gigante
ainda mais este mar a navegar.
Distante
parece o horizonte tocando
a proa do meu navio iniciante.

A benção, pai.
Minha escura lanterna
vela
por ser acesa.
Ainda precisa
dos teus vaga-lumes.

MEMÓRIAS FÓSSEIS

A benção, pai.
Que o meu coração
por ora deserto
nem serpente rastejar.
Mas teu ouvido, intento
olhar de acolhimento
esperança sementeira
fez-me tantas plantas
vezes reverdejar.

A benção, pai,
que sou já grande e luto
contra a adulteração
de minha criança remanescente.
Cuido
de não maturar a ponto
de putrefação alcançar.

A benção, pai.
Tua simplicidade
venho-a garimpando.
Nessa busca vi prestezas no inútil
pouco é muito se é essência
a lição silente dos teus lábios.



A benção, pai.
Teu orgulho de ser
pai
brinca
trinca nos olhos.
Engravida tanto
que é ora seminal desejo meu.

A benção, pai.
Que a vida termina
com epitáfio
será duro o teu
lapidar.
Nada que um dia germina
(é mesmo)
fica eternamente fruto:

sou
teu filho
galho teu

ferindo o ar
quando a copa alcançando.

A benção, pai.
Pai, a benção.

MEMÓRIAS FÓSSEIS

MARIA

É uma Maria
simples e especialmente
como tantas e nenhuma outra.

Quando criança
mal largou o berço
foi pra faina

o brinquedo era o trabalho
a demanda, diversão.

Guerreira
enfrentou labutas
a sobrevivência.

Ouvia
da minha cama ela mexer nas bugigangas
antes do espreguiçamento do sol
pra vendê-las nas feiras sertânicas.



Sua voz
alarida e forte
deságua
o que é cônido e ternura.
Um almoço
de suas mãos
coisa de divindade;
mas humanos apreciam suas iguarias
à base de
mistérios, arroz e feijão.

Que bom, mãe
saber que filho
é sempre filho
tal qual no bago, o grão de milho

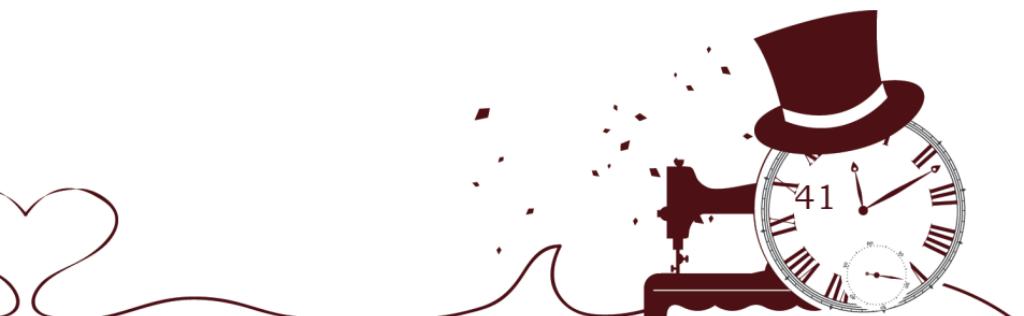
e não importa a idade
arde
mãe
ternal
amor.

MEMÓRIAS GRISALHAS

Tinha mania de pentear o cabelo
meu avô. A toda hora.
A mão tremia
como liquidificador

menos arrumava o cabelo
do que bagunçava.
Era liso –
escorregava como o tempo.

Andava no linho
e na bengala
o charme dos dias.
Na casa dele
tomava café
feito por minha avó, Zefinha.
Era o mesmo da casa dos meus pais
parecendo
mas o de lá
eu mais gostava.
Dentro daquela xícara de porcelana
havia um gosto diferente
de cuidado



flutuava uma nata espessa e leve
como os sonhos.

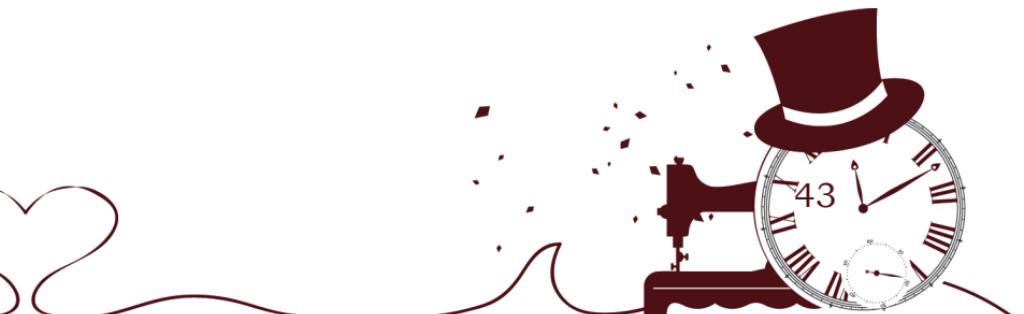
Tinha biscoito poca-olho de fartura
lá na venda do velho Otávio
(que ficava a poucos metros da cozinha).
Às vezes
a venda se confundia com a casa.
Via, naquela venda,
entre biscoitos e balas
ele servir cachaça
como quem abastecia.

Com o tempo entendi
aquela venda
era toda o meu avô.
Mas
meu avô
era mais do que toda
qualquer venda.

QUINTAL

Fui à casa de minha avó. Senti
(pés descalços)
a terra úmida de seu quintal.
Pedi
silente
à árvore
licença pra colher seus frutos.
Aquele pé de acerola
possuía uma coloração verde-folhagem
que enamorava o vermelho das frutas.

Os loros
do meu falecido avô
ali na árvore
camuflados de esperança
não paravam de me chamar
“tabaréu-réu-réu...”
Eu
bem perto deles
cheguei
e disse:
– quem dera.



PAIS VEGETAIS

O pé de manga e de goiaba
na infância
eram meus pais vegetais.
Andava neles
como quem voava.

Os besouros
– que ali na copa das árvores moravam –
de tanto eu subir no alto
já da família me consideravam

não reclamavam de minha hospedagem
diária

mas eu não podia mexer
– era o contrato –
na fruta madura e cheirosa
que eles pousavam

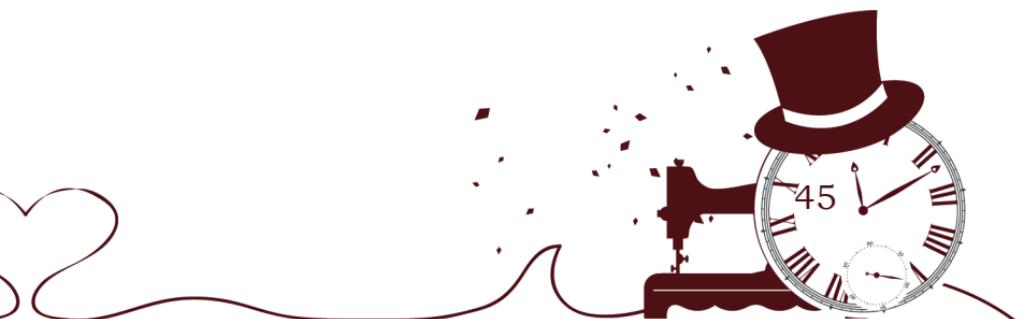
(aos poucos meus pés cresciam...)

MEMÓRIAS FÓSSEIS

Me tornei órfão quando
cimentaram aquele quintal.
Quando
cortaram meus pais
pelo tronco

eu fiquei todo

sem raiz.



MINÉRIOS

Minas
do viço do sonhos.

Minas
tu pasto
eu rebanho.

Minas
os passos os laços rever.

Minas
de Horizonte se infinda.

Minas
de Ouro Preto se pinta.

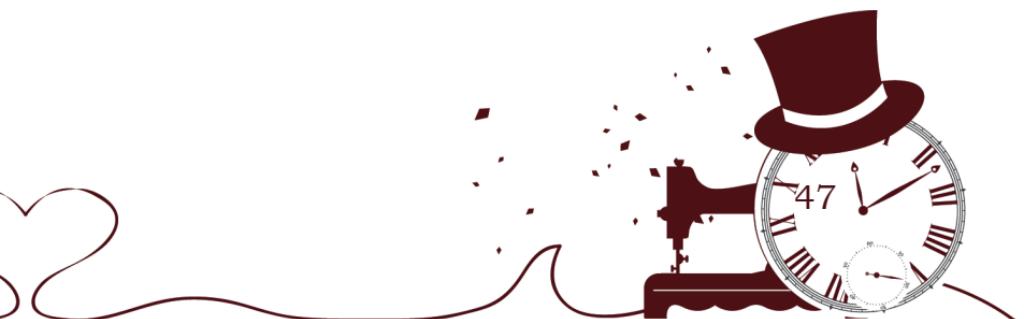
MEMÓRIAS FÓSSEIS

Minas
amor del-Rei receber.

Minas
por onde andas?

Minas
meu anseio reclama!

Minas
teus traços compassos reter
no olhar.



UNA PLAZA

Na Praça 24 de setembro
chovem pombos.
Quando não descem
em forma de chuva
se engalham
como frutos.
As árvores de lá
parecem querer
nos abraçar

tantos braços, abraços...

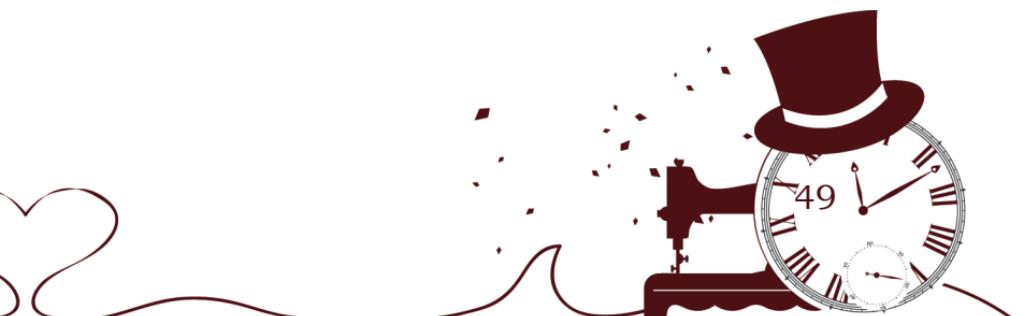
Observo as pessoas
indo
e
vindo

de onde
para onde?

MEMÓRIAS FÓSSEIS

questiono pois
dos seus
meus destinos.
É a praça do sapateiro
que
com as mãos
ganha a vida para deixar os pés
engraxados.
É a praça do homem do café:
“És 4 bolivianos señor...”.
Nesses dias de
frio
esquenta os parceiros
os praceiros
a vida.

Os granitos bancos da praça
convidam
o transeunte
a sentar
frente à catedral amarronzada.



Ela pula aos olhos calada
com pujança de quem se sabe grande
quase não tem como
dela
desmirar

exceto quando passa
num sorriso,
o riso
duma *guapa* boliviana.

RASTROS PEDAÇOS

Entre mandacarus e a Senhor dos Passos
o Campo do Gado e a Feirinha da Estação
os rastros, o gibão
a toada que canta o sol posto
o rosto
de quem vive em trânsito
no Portal do Sertão.

Em carroças e carros
importados

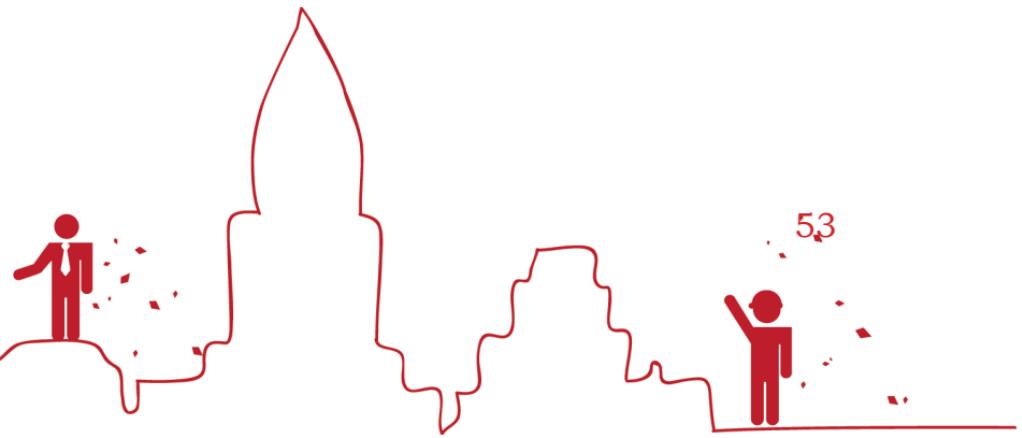
nos cavalos de osso
nos cavalos de aço

em galopes de cotidiano.
Levando e deixando
(nos contornos)
nossos tantos pedaços.



MEMÓRIAS FÓSSEIS

O Produto
Homem
III



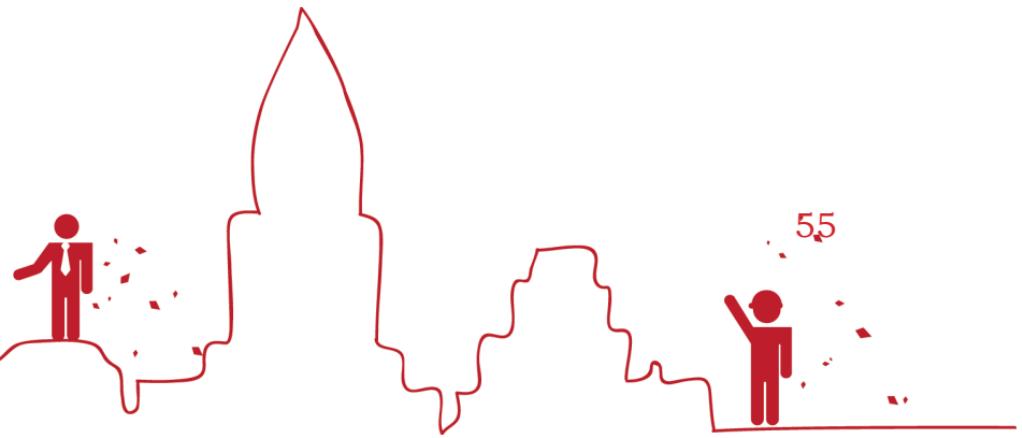
MEMÓRIAS FÓSSEIS

POUCOS SEGUNDOS

Em poucos segundos
morre
uma pessoa de fome.

Uma pessoa
de fome
morre

uma pessoa.



WESLLEY ALMEIDA

FAMIGERADO

Ninguém atentaria
pra ele
não fosse

o voo
vigilante
dos urubus.



MEMÓRIAS FÓSSEIS

URBES OPERANDI

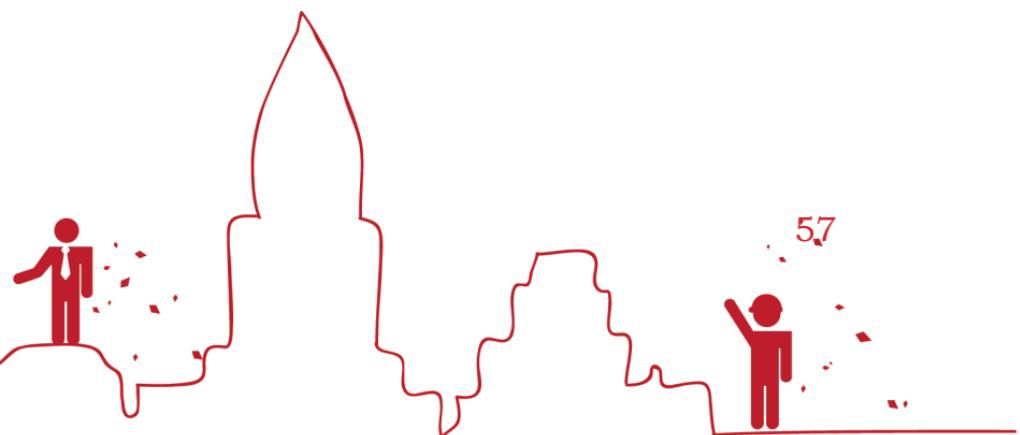
Os acordes da cidade:
dissonantes
altissonantes.

A simetria dos prédios
a cronometria dos passos
o monólogo monótono maquinal

o click do enter
o ruído do aço

operários dançam sem melodia
repetitivos os braços
e o dia a dia
(como roda de polia)

é o mes
mo-tor
nado.



SLOGANS

Slogans, advertências, outdoors
grita baixinho as propagandas
arrombando
nossa tímpano acostumado.

Alguém
prega na praça
a mais recente verdade
sem parâmetro
absoluta.

Receitas, bulas de remédio,
dipirona, gardenal
sistema nervoso central
drogadização
psicoterapia

[Um carro buzina ao lado]

Protetores:
auriculares
do sol
armas de fogo
óculos escuros
vídeo fechado

MEMÓRIAS FÓSSEIS

condomínios fechados
tudo fechado:
pra balanço

não há mais
onde o brincar?

Balanças
pra pesar os excessos
a exigência estética convencional
o peso das nossas almas
do lixo que produzimos todos os dias
os quilos das desgraças na televisão
curtidas em cliques, gifs e memes

Charlie Hebdo
Bataclan
refugiados da Síria
corridos de Mariana
a intransigência bélica lamaçal.

Há
um espanto indolor
em HD
colorindo o monturo de tudo.

WESLLEY ALMEIDA

URBICÍDIO

A cidade é um templo:
arranha-céus.

A idade
nela
é um tempo

áximo veloz.

O zumbido dos carros
(catarros)
é o mesmo zumbido de dentro.

Para onde,
anônimos,
antônimos
perdidos corremos?

Para onde
os assombros
escombros
destinos que havemos.



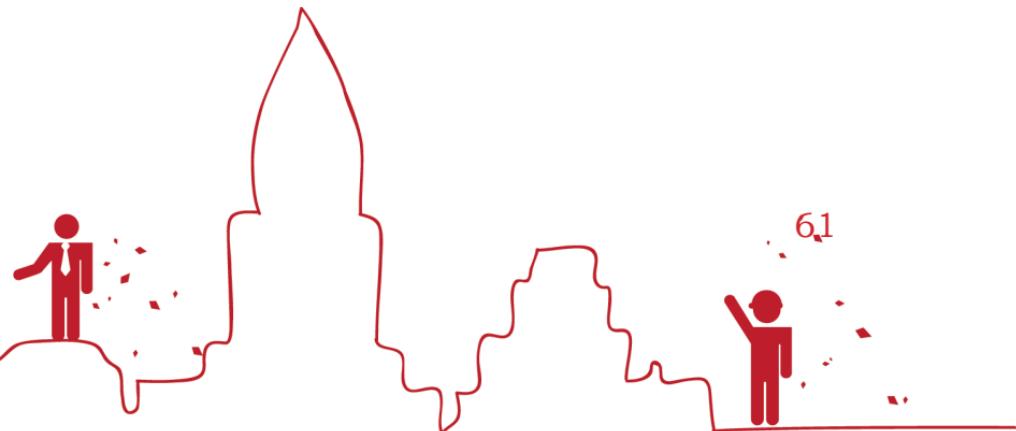
BALANÇA

Eis uma balança
seus
(des)
equilibrios
pesos, penas,
parricídios

o levitar da criança
na gravidade do siso

sem chumbo
o sorriso

e a razão
fria, crua e nua
no pular de pernas
e som
de tiros.



WESLLEY ALMEIDA

COM “H” MAIÚSCULO

A hegemonia
hoje
homogeniza o homem

hexágonos
não há mais.

Seu hertz hermético
virou heroína
hecatombe.

Hibernamos
hepáticos

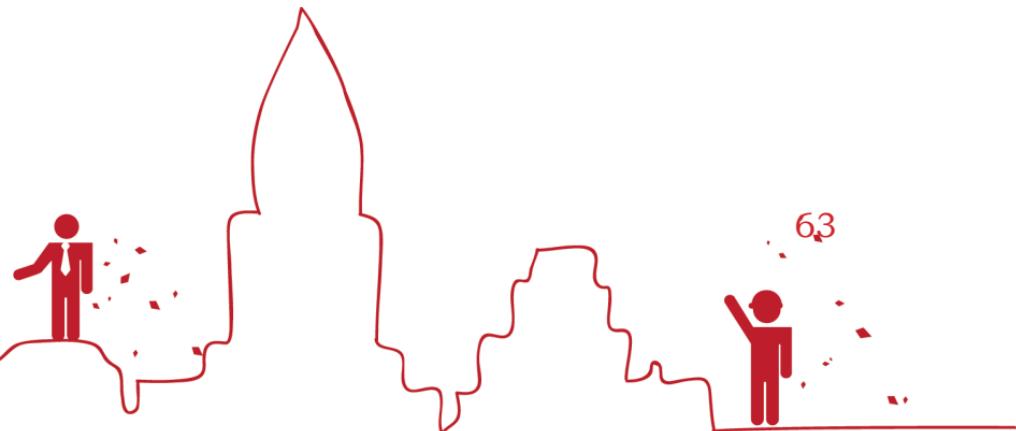
harmônicos
e habituais.



O PRODUTO HOMEM

Alguns gritos
– poucos –
são ouvidos dentro da embalagem

todos os
outros
(de falas programadas
no *mute* o volume)
já se adaptaram ao código de barras
ao prazo de validade
ao plástico costume.



WESLLEY ALMEIDA

VAGÕES

Tudo perdeu suas vírgulas.

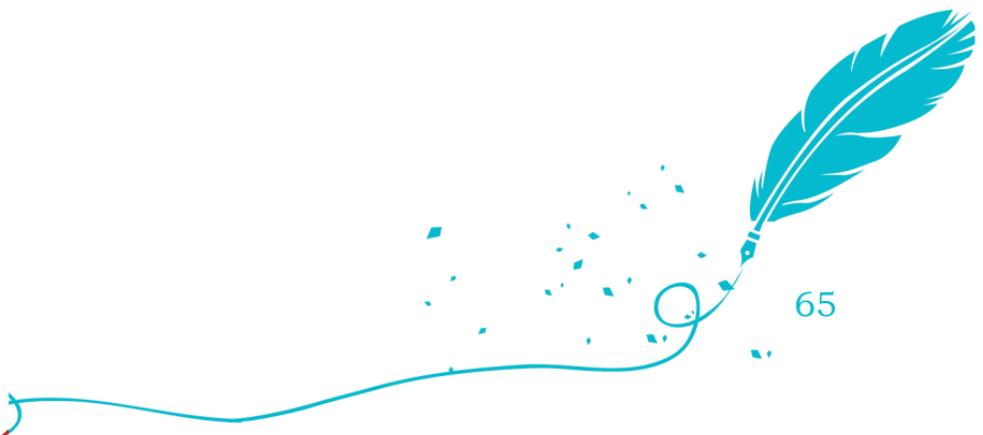
Dizer algo
é cuspir hiperlinks.
Cada rede social
que logamos
é vagão vazio

lotado de conectivos.



MEMÓRIAS FÓSSEIS

Linguagem
sobre si
IV



poesia

RASCUNHO

Rasurar, rasurar
rasurar as linhas dos versos
e sentir palpitar
nos dedos
o coração.
Rasurar, rasurar,
até progredir pro poético.

No rabisco errante do belo
rasurar, rasurar.
Qual criança que avança
e confunde o elo

da sintaxe, semântica
da gramática ao léxico

e borra
tudo
junto
no prelo.

Rasurar, rasurar
até progredir pro poético.

COLO DE ESPECTROS

Entre a vida de poeta e pai
se esvaem
os choros, risos e versos.

Meço
a métrica e os dias
por sensações.

O colo que cabe meu filho
cabe também o poético
(no abraço
inexiste extensões)

como o arco-íris
após lágrimas de chuvas.

SUSPEITA

Estou suspeitando de minhas vísceras
falando dissonâncias aos ouvidos
acampando ermos da memória
debulhando palavras acres na língua
quando encarno
versos de lama.

POESIA

Poesia é coisa séria
mas às vezes a gente entra brincando
ensaizando a alquimia das palavras
no construto dos sentidos.

Separando estrofes
como arvoredos os galhos

subindo troncos
como frutos por espinhos

mergulhando em rizomas
tal qual da copa
os orvalhos.

QUIXOTE

O poeta é um quixote das palavras
comunga em poiesis
seu cavalo e escudeiro
em métodos de loucura
no ritmo ágil das cavalgadas

interfere
no intervalo dos silêncios
na marca acústica das pegadas

sua poesia
surge do susto
no desencanto com o sórdido adocicado
no canto do ínfimo enaltecido

na sua linguagem de crina alada
apresenta-nos relâmpagos de novidades
do alto do lombo e à rédea
em visões
de cata-ventos ensandecidos.

ROUPAS DE BRINCAR

Queria fazer roupas de brincar:
com papelão,
jornal
pano esfarrapado

e desgravatar as possibilidades
das formas/
fôrmas prontas.

Desabotoar a sisudez do mundo
pra ele se sentir circo
(até se empalhaçar).

Como tecelão do imaginário
queria alinhavar os desejos
no retalho do onírico

e de chita e fuxico
me indumentar

até
desfazer- me
de normalidades.

PRA DESENTENDER

Plumas variáveis
des
cem
no lugar de chuva.

Guarda-penas se abrem como livros
pra recolher palavras precipitadas
(mas não temerárias)
do dizer natural das nuvens
neurônicas:

o ser,

PASTAGENS
para Alberto Caeiro

Cada poema
é um rebanho
berro de palavras
pasma essencial

a sintaxe das emoções
a semântica do intelecto

descendo o olhar por flores
em novilhos de versos
e lá
grudada em carne

o súbito relâmpago relance
voo (insight de aves)
onde se cruzam os cantos
trôpegos pensamentos:
fluxos de pastagens.

LUMINESCÊNCIAS

Sobre o nada
eu tenho conhecimentos profundos.
Quase preendi o silêncio ontem
no escuro.
Ele não me disse nada
eu fiquei todo poesia ao amanhecer.

Agora
versos me poemam
no apagar das luzes
e na luminescência
do subtendido.

WESLLEY ALMEIDA

VENTANIA

A poesia
voa
que nem pipa.

Componho poemas
quando
ventanias.

MEMÓRIAS FÓSSEIS

AO PRIMEIRO LIVRO

Bem-te-vis me recomendam assobios
vOs eSpiRaIs
logo me em-
passarinho

trepo árvores
atravesso girassóis
rosas:

Pétalas
talos

e espinhos.

MEMÓRIAS FÓSSEIS

Desertos
Transeuntes
V



ERMOS

Estou
nos ermos de mim

ando em relentos
becos escuros d'alma

onde coabitam:

uma garrafa de cachaça vazia
uma poça de lama
e um
vira-
lata.

WESLLEY ALMEIDA

A MORTE

C'est
la vie.



QUARTO 101

Calafrios premonitórios
máscaras de esgrima
gaiola de todos os voos

Ratos nos cantos
temores indefinidos
ausência de cordas
em ganchos de precipícios

Afogamento em superfície d'água
sangue metralhado aos ouvidos
em quintas longas sinfonias

Desertos sem relevo
ruídos de desespero
confusão de projéteis advindos

Roçando o aço no rosto
no gosto de trancas tinindo.

CÂNTICO DOS ÂMAGOS

Eu sou um
barulho:
um rouco
um brado
um breve grunhido

um latido rosnado
o fim do suspiro

som de faca, vento furado
vultos de sons varridos
o coaxo do sapo
o grito do grilo
a mãe cantando pro filho
cantigas que a fome disfarça

lavadeiras batendo a malha num riacho
cascatas insistentes caindo
carpideiras de luto sorrindo
um galho em silêncio quebrado
assobio de sofrê ao ouvido.

MEMÓRIAS FÓSSEIS

Trilhanças

VI

PORTO INSEGUNDO

Regar a pé
caminho canoa
andando ou na proa
a vida tem que ser
boa: borbulhar.

Apruma passo
navega sempre
a vida é mesmo
vicejar.

Tudo é passagem
lição ruidosa do vento
que nos empurra
a vida a vela

sem prumo
rumo
remo.

WESLLEY ALMEIDA

BUSCA

Nas idas e vindas infindas
no fim fundo profundo
buscando-me
sempre buscando
o mar que margeia meu mundo.



TRILHANÇAS

Somos o que nos cabe
saltimbancos

o horizonte
é esse mosaico

pedaços
de candentes trilhas
(os sonhos)
cadentes
danças
(os passos).

A TRAMA DO BORDADO

Olhares sobre o tear inacabado
a guerra sem fim inconsumente
Penélope e seus dedos finos falhos
Ulisses e o retorno: e ainda

Ainda a Tróia maldita distante
e a solidão no novelo em Ítaca.
Ainda o flerte dos interessados
o cavalo que vai — e que fica

O arco duro, tão rígido
só quem o deixou
pode bem a(r)má-lo

E como flecha
pelos machados
a trama do bordado se finda.

ESTRANGEIROS DE MIM

Nos estrangeiros de mim
pesco as esquinas
esquecidas que me ponho.
Importo sonhos
que íntimo vivi.
Hasteio bandeiras
onde pés passo pronto.
Na alfandega dos meus rastros
meus contrabandos
de mar-fins.

WESLLEY ALMEIDA

A TRILHA

Trilhar pra dentro é aceitar vertigem

deslizar
babéis

sobre uma fina casca
de icebergs.



SEMÁFORO

Eu

que tenho fiapos de histórias pra contar
em mamulengos de ternos imaginários

perambulo
sem semáforos

(exceto
os feitos
de luar).

WESLLEY ALMEIDA

CAATINGA

Quando a seca
forte
bate em mim

resiste
árida
a vontade de inundar o mundo.

RODA DENTADA

A roda dentada dos sonhos
tem para cada dente
um desejo
e em toda ela
um anelo de girar, girar
pro mais infundo fundo
da locomotiva mundo
girar.

DÁ LÁ E LAMA OU
MANGUEZAL
para Henrique Magalhães

No mangue
onde ancorei meu barco
não soprava mais o vento

nem vela,
nem mastro

lua só
prateando caranguejo.

O motor do aço
o motor do peito
tato acústico apalpando a lama.

Me lancei aos uçás
caminhei guaiamuns
terra e mar, raízes
grudei-me ostra
vultos de aratus.
No lamaçal
habitam

garças brancas.

TECELAGEM

Eu só me aconteço
em ato instante de flor

tecelagem
de pétalas insurgentes.

NA CASA DOS MEUS TRINTA ANOS

Na casa dos meus trinta anos
concebi o tempo
por furacões

cada átimo
encarnava-se-me veloz

e passei a alijar superficialidades
aglomerar o intenso

por paladar de flor
e entrâncias de espinho

pegando o travo e o doce
por dentro

sabendo
como o limo sabe da pedra

no grude gesto
do tempo.

DESCARRILHO

Não sigo a mesma linha
não ponho a mesma lenha

no inverno com fogo
a lá se refaz

todo traçar
compõe seu rastro

cada calor
breve faísca

mesmo o fósforo no talo
mesmo os passos sem milha.

CANTO PARA ASSOBIO

Aninha-se em passarinhos
vive inseto em flor
trança terno com eles teu amor

Cava no chão os sentidos
e o sentido — o chão
planta nele umbigo, coração

Para que em ramos cresça
tua viva semente
no sêmen verde se funde o viver

Tanto que embrulham-se
entrelaçados
em copas de nuvens seivas correr

Canta
o azul do mundo.
Dança
os sóis poentes.
Veste
estrelas cadentes.
E faz-te, em penas, rizomas
livres.

CATEDRAL

Minha religião é o canto dos pássaros
flor avermelhar
céu pegar anil

o descortinar de nuvens
rio atravessando mar

tudo que comunga com o verde
e de musgo se apetece
que brota e se esquece
que se des-serve, que está
em algum lugar

entre o nascer do sol e o
poente
no leito ou na nascente

sou
minha catedral
sem portas
semovente.

ENTRELACE

Entrelaço-me líquido no mar das coisas
embebido de gotas de vertigens
apalpando moléculas
por sensações
no corpo o que se alastrá de cosmos
e se empoeira nos olhos
por
extensões.

RECOLHEITA

Recolho as vozes
poemas ainda não recitados
o vinil toca solitário.

Pego um livro de Pessoa
abandonado.
Junto comigo
formigas
leem versos desequilibrados
bêbedas de
vinho e lirismo
há pouco derramados.

Cato
a esmo
(e sobretudo)
as lembranças embaçadas dum porvir
em fluxos
do tempo
e de consciências
de mim.



IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA

OCULAR

Enxerga a flor
com toda tua retina.
Apalpe-a
com toda pálpebra tua.
Assiste – nas pupilas –
todo o seu desabrochar.
Pois não se sabe quando
a cegueira da candura anoitece.
Nem
se em fruto a
manhã será.



ISBN 978-85-7455-422-8

A standard barcode representing the ISBN 978-85-7455-422-8.

9 788574 554228